



RECURSOS DA PRÉ - BENGALA PARA A MOBILIDADE

Resumo: As crianças cegas em idade pré-escolar que ainda não tem a maturidade para usar uma bengala longa, precisam da ajuda de outros recursos, o uso da pré-bengala é um exemplo de recurso que pode ser oferecido. Iniciando-se precocemente com os conceitos de desenvolvimento para estabelecer mais rapidamente bons hábitos e confiança. Os recursos podem ser os mais diferentes possíveis, porém a construção deve ser a mais simples a ser utilizada, e ser uma conexão entre auto-proteção de braço estendido e o início do treinamento de percursos com bengala.

Há muitos anos, temos oferecido treinamento de orientação e mobilidade a muitas crianças cegas em idade pré-escolar. Estes, desde cedo foram usuários potenciais de bengala.

A necessidade de intervenção precoce com crianças deficientes visuais tem sido bem documentada, e a pergunta de quando introduzir a bengala também tem sido muito discutida. Minha experiência pessoal e a de meus colegas, diria que a bengala deveria ser introduzida precocemente, e em etapas, iniciando-a no jardim, primeiro grau, ou o equivalente à idade de desenvolvimento. Esta premissa do uso da bengala nas primeiras etapas é exitosa em oportunidades mais precoces.

Proteção de mãos inadequada

Em minha experiência com crianças cegas em idade pré-escolar, tenho observado em muitas situações na qual se esperava que as crianças se movimentassem ao longo de corredores para o banheiro e refeitório, porém as crianças não tinham treinamento para realização de proteção, a postura das mãos era inadequada para prevenir freqüentes contatos abaixo da cintura.

Esta situação resultava em que o movimento das crianças era lento e com apreensão. Por não oferecermos recursos de pré-bengala adequados e apropriados às crianças cegas pequenas, estávamos atrasando o desenvolvimento natural do movimento e da exploração. Era necessário um recurso que fosse simples para se manter à frente da criança, reforçar os conceitos de linha média e ser leve, durável e fácil de mover em diferentes superfícies. Estes momentos de reflexão para mim era um sussurro para o futuro.

Quando foi possível, usou-se um brinquedo com rodas que a criança tivesse dificuldade em guiá-lo e mantê-lo na linha com a direcionalidade de seu deslocamento. O carro não era movido com suas mãos, portanto foi confuso e frustrante. À medida em que as crianças foram ganhando experiência, aprenderam a corrigir os desvios, mesmo assim continuavam frustrando-se. O uso de um carro com rodas que se movia em todas as direções foi uma das melhores sugestões e então foi realizadas adaptações a esta idéia.

Também foi tentado a sugestão do uso de um escovão como simples recurso de proteção, porém somente funcionava bem em superfícies lisas. Então, foi cortado os

pêlos do escovão e colocados duas rodas uma em cada extremo ou na ponta da base. Fez-se um cabo em forma de “T” para posicionar as mãos usando a linha média.

Este recurso funcionou bem, especialmente sobre gramados e superfícies rugosas, detectando obstáculos dos dois pés sem a necessidade de movê-lo de lado a lado (figura 1). Os problemas desta criação se centraram em seu peso e na pouca habilidade quando as portas estavam abertas e em seu potencial de machucar a outras pessoas (foi difícil para os joelhos dos adultos, mesmo quando estavam forrados ou acolchoados).



Minha criação foi usada todos os anos para outras atividades relacionadas à orientação e mobilidade dos pré-escolares, porém nunca foi considerado para treinamento em mobilidade. Quando tentei primeiro com o “bambolê” em crianças de idade pré-escolar cegas, não podia acreditar como seria fácil introduzi-lo e ter respostas positivas. A criação deste recurso definitivamente teria um grande segredo para oferecer e mereceu sérias considerações, não importava o quanto era estranho e como poderia parecer usar um “bambolê” como um recurso de proteção.

Tentativas iniciais no uso do “Bambolê”

O bambolê havia sido usado com quatro crianças totalmente cegas em idade pré-escolar no sistema público de Austin. A idade cronológica variava de três a seis anos e em cada caso a criança adaptava rapidamente o bambolê como um recurso de proteção.

A vantagem do bambolê sobre outros recursos de pré-bengala ficou tão evidente e logo ele começou a ser usado. Primeiro, é simétrico, pode ser segurado e usado sem considerar a orientação e a carência de um espaço no qual pode ser seguro. O bambolê se posiciona em frente ao corpo tomando-o com ambas as mãos, o lado oposto vai de encontro ao piso, o bambolê se estabiliza com seu diâmetro horizontal perpendicular ao corpo. (figura2)



O bambolê está em contato com o chão em um ponto, este ponto está distante da criança tanto quanto seja o diâmetro deste. Tomando-o com ambas as mãos, estas naturalmente são levadas à linha média já que a curva do bambolê produz uma posição difícil ao ser tomado de outra maneira. Segurá-lo da maneira descrita faz com que o bambolê esteja posicionado na linha média em frente ao usuário, cobrindo totalmente seu corpo. Ainda que seja retirada uma mão, o bambolê se mantém na linha média.

O “bambolê” é feito de plástico resistente, desliza sobre a maioria das superfícies e muda de direção sem produzir frustração. Ainda sobre superfícies rugosas, o bambolê desliza se o move, portanto o ponto de contato está constantemente mudando de acordo com seu arco de contato. Isto significa que o bambolê não têm que ser levantado na maioria das situações e que não é necessário uma coordenação mão/pé para usá-lo.

Em situações diárias, o bambolê protege todo o corpo sem necessidade de movimentos lado a lado e absorve os impactos com elasticidade. Isto reduz os golpes do usuário e daqueles que estão ao redor dele.

O bambolê tem uma pequena desvantagem que está em relação ao tamanho e a sua insensibilidade para detectar buracos, etc.

A forma circular permite um contato contínuo ao longo do perímetro e um buraco por exemplo: resultará na queda do aro somente quando a criança se aproxima do buraco de maneira perpendicular a ele. Se a criança se aproxima do buraco em um ângulo menor

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para cegos, WATERTOWN, MASS.U.S.A. 3

O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton, de RENO, NEVADA-U.S.A.”

S.R. Bosphach - Extraído da Revista “Journal of Visual Impairment and Blindness”. Outubro 1988.

Traduzido para o espanhol por: Profa. Graciela Ferioli - Traduzido para o português por: Marcia Maurilio Souza-2006
Revisão Shirley Rodrigues Maia-2006.



que 90°, o bambolê cairá gradualmente na medida que o ponto de contato entre o bambolê e o buraco se movem lentamente da linha média. Sinto que estas desvantagens têm menos peso se considerarmos a facilidade de seu uso e sua efetividade para a idade de desenvolvimento da criança que nos preocupa. Especialmente quando ensinamos habilidades de auto-proteção em um meio ambiente controlado, então o “bambolê” parece ser certamente perfeito!!!

A última vantagem é que está disponível em lojas de brinquedos e é relativamente econômico, e ainda vêm perfumados com essências de frutas e agradam muito os pré-escolares.

Novas idéias podem surgir e serão experimentadas no futuro. Por hora, o “bambolê” como recurso de proteção e de pré-bengala é o melhor quanto à disponibilidade, durabilidade e função. Apreciaria receber comentários de outros que tenham usado o bambolê ou outro recurso de pré-bengala como ponte entre a proteção de braço estendido e o uso da bengala.

Referências

Blaha, L. E. (1961), Identification of orientation and mobility skills for young blind children. American Association for instructors for the Blind. 14-19

Curriculum guide, pre-cane mobility and orientation skills for the blind (undated) Lansing: Michigan School for the Blind.

Fish, S. (1987). Constant contact technique with a modified tip: A new alternative for long-cane mobility. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, 80 (10)

Hatlen, P. H. & Curry, S. A. (1987), In support of specialized programs for blind and visually impaired children: The impact of vision loss on learning. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, 81 (1), 7-13.

Kronick, M. A. (1986). The need for motor development programs for visually impaired preschoolers. *Journal of Visual Impairment and Blindness*, 80 (2), 573-576.

Welsh, R.L., & Blasch, B.B. (eds) (1980). *Foundations of orientation and mobility*. New York: American Foundation for the Blind. (Visually impaired children, 428-437; Mobility devices, 357-369)

Stephen R. Bosbach, M. Ed., instrutor; Distrito da Escola Independente de Austin, Programa para Deficientes Visuais, Escola Rosedale, 6016 Dillard Circle, Austin, TX 78752-4499.